

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i1.44757>

Tecnopolíticas do ódio: estratégias utilizadas por grupos de WhatsApp conservadores e bolsonaristas nas eleições brasileiras de 2018 e 2022

Technopolitics of hatred: strategies used by conservative WhatsApp groups and scholarship holders in the 2018 and 2022 Brazilian elections

Tecnopolíticas del odio: estrategias utilizadas por grupos de WhatsApp conservadores y becarios en las elecciones Brasileñas de 2018 y 2022

Pablo Ornelas Rosa

Universidade Vila Velha

Ramiro de Ornelas Rosa

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo O artigo resulta de uma apresentação proferida no I Colóquio de Ciências Sociais e Psicanálise: Fronteiras e Litorais no Mal-Estar Contemporâneo, ocorrido na UFES em dezembro de 2022. Na ocasião, expusemos nossa agenda de pesquisa dedicada à investigação do uso das plataformas digitais por grupos conservadores associados ao ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro e ao escritor Olavo de Carvalho. A partir de uma investigação etnográfica realizada desde 2018 com grupos de WhatsApp bolsonaristas, propusemos um debate sobre plataformização, colonialismo de dados e dataficação da vida, relacionado com o capitalismo de vigilância e capitalismo de plataforma, resultando na composição de um diagrama do tecnoconservadorismo brasileiro. Na sequência, apresentamos algumas das estratégias que foram utilizadas em grupos de WhatsApp que se reconhecem como conservadores e bolsonaristas durante as referidas eleições brasileiras (2018 e 2022).

Palavras-chave: tecnopolíticas, neoconservadorismo, plataformas, estratégias eleitorais.

Abstract The article results from a presentation given at the I Colloquium of Social Sciences and Psychoanalysis: Frontiers and Coasts in Contemporary Malaise, held at UFES in December 2022. On the occasion, we exposed our research agenda dedicated to the investigation of the use of digital platforms by conservative groups associated with the former president of the republic Jair Messias Bolsonaro and the writer Olavo de Carvalho. From an ethnographic investigation carried out since 2018 with Bolsonaro WhatsApp groups, we proposed a debate on platforming, data colonialism and life dating, related to surveillance capitalism and platform capitalism, resulting in the composition of a diagram of Brazilian technoconservatism. Following, we present some of the strategies that were used in WhatsApp groups that recognize themselves as conservatives and bolsonaristas during the Brazilian elections (2018 and 2022).

Keywords: technopolitics, neoconservatives, platforms, electoral strategies.

Resumen El artículo resulta de una presentación pronunciada en el I Coloquio de Ciencias Sociales y Psicoanálisis: Fronteras y Litorales en el Malestar Contemporáneo, ocurrido en la UFES en diciembre de 2022. En la ocasión, expusimos nuestra agenda de investigación dedicada a la investigación del uso de las plataformas digitales por grupos conservadores asociados al ex presidente de la república Jair Messias Bolsonaro y al escritor Olavo de Carvalho. A partir de una investigación etnográfica realizada desde 2018 con grupos de WhatsApp bolsonaristas, propusimos un debate sobre plataformización, colonialismo de datos y datación de la vida, relacionado con el capitalismo de vigilancia y capitalismo de plataforma, resultando en la composición de un diagrama del tecnoconservadurismo brasileño. A continuación, presentamos algunas de las estrategias que fueron utilizadas en grupos de WhatsApp que se reconocen como conservadores y bolsonaristas durante las elecciones brasileñas (2018 y 2022).

Palabras clave: tecnopolíticas, neoconservadurismo, plataformas, estrategias electorales.

Recebido em 18-11-2023

Modificado em 28-02-2024

Aceito para publicação em 13-04-2024

Introdução

O artigo apresentado decorre de uma exposição pública que envolveu a concatenação de diferentes pesquisas que visam compreender a incidência da internet de plataforma na política. O estudo enfatiza as perspectivas tecnopolíticas associadas à extrema direita a partir de uma investigação acerca dos discursos proferidos por sujeitos, grupos e empresas que se reconhecem como conservadores e que passaram a difundi-los em diferentes plataformas digitais, tais com Instagram, Facebook, Youtube dentre outras, com ênfase no WhatsApp. Isso porque os pesquisadores que compõem essa agenda de pesquisa passaram a acompanhar diariamente desde 2018 grupos de WhatsApp bolsonaristas que se reconhecem como conservadores, visando compreender de que forma foi possível sua articulação que culminou com a vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais brasileiras ocorridas naquele ano.

Até 2016, os autores deste artigo não investigavam diretamente as plataformas digitais, tampouco focalizavam sua atenção nas ações de grupos associados à extrema direita. No entanto, as eleições presidenciais ocorridas nos Estados Unidos em 2016 e, posteriormente, as eleições brasileiras de 2018, acabaram por ensejar certo deslocamento de nossa atenção tanto para o estudo sobre a extrema direita nacional e internacional, quanto para o seu uso tecnopolítico por meio das plataformas digitais. Nesse caso, passamos a encontrar o escritor conservador brasileiro Olavo de Carvalho como principal referência compartilhada pelos agentes investigados, o que nos levou a acompanhar as suas produções, além de textos escritos por seus seguidores e alunos, bem como suas indicações e referências.

Sendo assim, ingressamos no estudo do que passamos a chamar posteriormente de conservadorismo tecnopolítico à brasileira (Rosa, 2022) ou tecnoconservadorismo, evidenciando a emergência de uma espécie de atualização do neoconservadorismo estadunidense que emerge no final da década de 1940, gravitando em torno de produções de artigos em revistas como *National Review*, capitaneada por Willian F. Buckley Jr., que publicava textos de autores conservadores (Souza, 2021) como Russell Kirk - autor recorrentemente citado pelo deputado federal mais votado no país em 2022, Nikolas Ferreira (PL/MG) -, bem como Eric Voegelin, Leo Strauss, dentre outros demais que são frequentemente citados por Olavo de Carvalho em seus livros, aulas, entrevistas e cursos.

Em meio a esse processo, acabamos identificando uma rede altamente articulada na difusão destes livros escritos por distintos autores conservadores, tradicionalistas e neoliberais oriundos do norte global, que tem por objetivo conferir certa legitimidade discursiva aos argumentos utilizados por aqueles que compartilham certa perspectiva anticomunista nas redes sociais, buscando difundir certa violência política perpetrada contra movimentos sociais. Nesse caso, algumas editoras e redes de editoras passaram a se articular, selecionando, traduzindo e publicando incessantemente livros de autores associados à extrema direita internacional a partir da curadoria que foi prestada por Olavo de Carvalho (Rosa, 2022).

Um exemplo disso são as atividades desenvolvidas pela Faro Editorial e, principalmente, pelo Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico - CEDET, que possui seis editoras que se reuniram em uma rede com mais de sessenta livrarias virtuais espalhadas por cidades de todo o país que foram criadas em parceria com influenciadores digitais. Estes, que possuem centenas de milhares ou mesmo milhões de seguidores em suas redes sociais, difundem livros, vídeos e cursos por meio da influência de Olavo de Carvalho, a partir de suas curadorias (Rosa, 2022).

Essa articulação pressupõe a implementação de um projeto capitaneado por este escritor conservador brasileiro que visava articular grupos dispersos que se associavam a extrema direita do país, almejando constituir um novo regime de verdade que gravitou em torno do bolsonarismo. Este, passou a ser atualizado principalmente com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação operacionalizados por meio das plataformas digitais. Nesse sentido, tratamos da emergência deste pretense regime de verdade conservador a partir de uma perspectiva foucaultiana, compreendendo-o como aquelas condutas que implicam no constrangimento de sujeitos a certo número de atos de verdade que estabelecem suas condições e efeitos.

Também se faz necessário destacar que o surgimento de Olavo de Carvalho como intelectual público e pretense filósofo antecede o seu aparecimento na internet, assim como nas plataformas digitais. No entanto, a sua atuação política como tributário da extrema direita nasce nos anos de 1990, quando passou a circular frequentemente por instituições que compõem as forças armadas brasileiras como Clube Militar, Clube Naval, Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), dentre outras, no intuito de divulgar o seu livro publicado naquela década, intitulado *A Nova Era e a Revolução Cultural* (Carvalho, 2014).

Além do círculo militar, o escritor conservador brasileiro também transitou pelo Instituto Liberal, participando das principais mesas do Fórum da Liberdade nas edições de 2000 até 2005 (Casimiro, 2016), além de dialogar com diferentes segmentos do cristianismo, sobretudo, estadunidense (Lacerda, 2019), possibilitando ganhar cada vez mais espaço nos mais diferentes setores da sociedade, alcançando médicos, juízas, delegados, professores, psicólogos, psiquiatras etc.

É justamente nesse manuscrito que aparecerá pela primeira vez no contexto brasileiro o uso da expressão marxismo cultural (Carvalho, 2014), que opera como certa atualização do bolchevismo cultural (Rosa, 2019) cunhado por Adolf Hitler (2000) em *Minha Luta*, porém não a partir de uma perspectiva anticomunista constituída pelo nazi-fascismo das primeiras décadas do século XX, mas amparada em uma perspectiva hayekiana, orientada por certo tipo macarthismo encontrado na obra *Caminhos da Servidão* (Hayek, 2010), que foi importado para o Brasil do século XXI por Olavo de Carvalho, assim como por institutos liberais e conservadores.

Diante disso, aqueles que se associam ao pensamento de Hayek (2010) provavelmente situarão o socialismo, o nazismo e o comunismo a partir de uma mesma perspectiva, ou seja, tratando-os como inimigos coletivistas que devem ser erradicados por promoverem um totalitarismo inevitável com a sua defesa da economia planificada; ao passo em que se contrapõe a esse espectro político a partir da defesa veemente da virtude do egoísmo

encontrado no individualismo defendido por eles. Essa abordagem passa a ser instrumentalizada por esses sujeitos, grupos e empresas que se reconhecem como conservadores, no intuito de justificar sua adesão as políticas de austeridade e a não intervenção do Estado na economia, tomando a concorrência como uma ordem natural e espontânea.

Ao analisar a política no século XXI, sobretudo em relação as suas particularidades referentes a outros momentos históricos precedentes, encontramos as tecnologias de comunicação e informação perpetradas pela internet e, em especial, pelas plataformas digitais, como elemento fundamental a quaisquer análises hodiernas, considerando a política a partir do que passou a ser chamado de tecnopolítica.

El constante rastro digital que dejamos en las redes – sea voluntaria o involuntariamente, consciente o inconscientemente – genera una enorme masa de información sobre quiénes somos, qué pensamos, qué hacemos, con quiénes nos relacionamos y más. Es el big data. La tecnopolítica permite conocer mejor los intereses de la gente y sus comportamientos, no tanto en sus condiciones, a diferencia de la comunicación política analógica y la demoscopia tradicional. La tecnopolítica ha descubierto nuevos territorios y geografías de lo social, porque, al comunicar con personas y sus intereses, ha evidenciado que esos intereses son más relevantes para la acción política que las condiciones económicas, educativas o sociolaborales (Gutiérrez-Rubí, 2020:103).

Assim, será por meio da mobilização desta categoria analítica que propomos uma investigação acerca da emergência do que estamos chamando de conservadorismo tecnopolítico à brasileira (Rosa, 2022) ou de tecnoconservadorismo, que passa a atualizar por meio das plataformas digitais aquele neoconservadorismo emergente nos Estados Unidos na década de 1940 que passou a ser difundido por Olavo de Carvalho no Brasil, com o propósito de garantir sua disseminação e ressonância através de impulsionamentos conduzidos ora por pessoas físicas ora por algoritmos mobilizados por meio da inteligência artificial, conforme mostraremos doravante.

Desse modo, o artigo apresentado propõe inicialmente um debate sobre o funcionamento tecnopolítico das plataformas digitais em diferentes contextos, ponderando sobre categorias como plataformização (Poell, Nieborg & Dijck, 2020), colonialismo de dados (Silveira, 2021) e dataficação da vida (Lemos, 2021), para no momento seguinte apresentarmos algumas das estratégias que foram utilizadas pela extrema direita nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 e 2022, através da composição de um diagrama articulado por sujeitos, grupos e empresas que se reconhecem como conservadores e que se associam tanto à Olavo de Carvalho quanto à Jair Bolsonaro (Rosa, 2022).

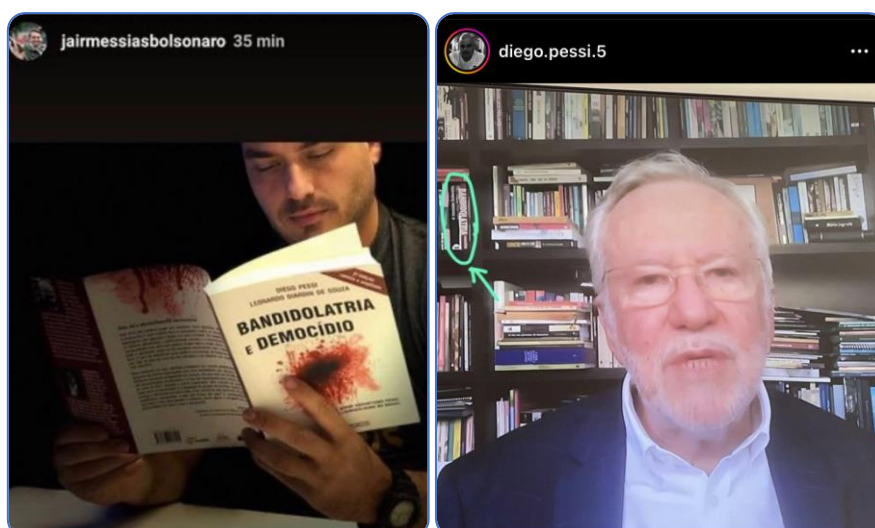
É importante destacar que essa associação foi chamada por João Cezar de Castro Rocha (2021, p. 85) de bolsolavismo, tendo em vista que “o sistema de crenças Olavo de Carvalho foi fundamental para a articulação da nova direita e do próprio bolsonarismo”. Segundo o autor, “nesse colar de citações, encontra-se o núcleo do sistema de crenças difundido por Olavo de Carvalho. A manipulação mental coletiva não é somente uma obsessão intelectual, mas, sobretudo, um projeto de dominação política” (Rocha, 2021:81).

Plataformização, dataficação da vida e colonialismo de dados

Embora investiguem as estratégias tecnopolíticas mobilizadas pela extrema direita brasileira e seus desdobramentos internacionais, a agenda de pesquisa desenvolvida pelos autores deste artigo trata de assuntos variados. Dentre eles, podemos citar os debates sobre gênero e sexualidade que acontecem no WhatsApp, tendo em vista que este é um dos temas publicados com maior recorrência em grupos conservadores, envolvendo questões como a misoginia, transfobia e homofobia, além da desqualificação dos movimentos negro, indigenista, ambientalista etc. associados ao comunismo (Rosa, 2019; Rosa, Souza & Zamboni, 2022; Souza & Rosa, 2023).

Um segundo objeto de investigação bastante comum nestes espaços diz respeito ao tratamento dado as políticas de controle sobre as drogas, pois encontramos com certa frequência a difusão de um discurso proibicionista proferido no Instagram e Youtube por juízes de direito e promotores de justiça que se reconhecem como conservadores, assim como se sentem orgulhosos por serem alunos de Olavo de Carvalho (Rosa, 2022; Souza et al, 2023). Nesse caso, é comum encontrarmos uma gama de editoras e autores que passaram a publicar livros com este teor, inclusive influenciando a opinião pública, como ocorre com *Bandidolatria e Democídio* (Pessi & Souza, 2017), escrito por dois promotores de justiça do Rio Grande do Sul que são recorrentemente citados por aqueles que se reconhecem como conservadores (Na Imagem 1, identificamos uma publicação divulgada no perfil do Instagram do presidente Jair Bolsonaro, destacando a imagem de seu filho Carlos Bolsonaro segurando o livro mencionado; enquanto que na Imagem 2 encontramos uma publicação no perfil do Instagram de Diego Pessi com a imagem do jornalista Alexandre Garcia¹ e ao fundo a lombada de seu livro).

Imagem 1. Imagens do livro “Bandidolatria e Democídio”



Fonte: Perfil do Instagram de Jair Bolsonaro e Diego Pessi

¹ Importante destacar que o jornalista mencionado, Alexandre Garcia lucrou quase setenta mil reais com a difusão de Fake news no contexto da pandemia da covid-19, conforme demonstrou o relatório do Google. Disponível em <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/alexandre-garcia-lucrou-quase-r-70-mil-com-fake-news-diz-relatorio-do-google-59275> - Acesso em 21 de jun. 2023.

Inclusive, um dos autores deste livro, Leonardo Giardin de Souza, tem circulado por Escolas do Ministério Público de diversos Estados brasileiros, não somente ministrando aulas magnas, como também tem contribuído com a difusão desse conservadorismo associado à Olavo de Carvalho, o que evidencia a importância que este tipo de literatura tem no mercado editorial, alcançando tanto o campo jurídico como outros demais segmentos da sociedade brasileira.

Em um dos livros comumente citados nos textos e cursos proferidos por estes promotores de justiça, o foco se concentra na patologização daqueles sujeitos supostamente associados ao espectro político da esquerda, conforme encontramos em *A Mente Esquerdista: As causas Psicológicas da Loucura Política*, escrito pelo psiquiatra conservador estadunidense Lyle Rossiter (2016). Nesse caso, o autor mencionado parte da premissa de que aqueles que se identificam politicamente com a esquerda padeceriam de algum tipo de transtorno mental. Além disso, também é importante mencionar a tentativa conservadora de criminalizar o comunismo e conseqüentemente as esquerdas, conforme encontramos nos Projetos de Lei 5358/2016 e 4425/2020, propostos pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL/SP).

Contudo, destaca-se ainda uma leitura de cunho moral operada nessas plataformas digitais que trata do punitivismo associado às políticas de controle sobre as drogas, bem como certa compreensão acerca do livre mercado e sua conseqüente economia concorrencial, que vai caracterizar o neoliberalismo austríaco, com sua pretensa ordem espontânea (Hayek, 2010). Esta, seria considerada pelos conservadores, neoliberais e tradicionalistas associados ao pensamento escolástico, como uma espécie de natureza social intrínseca às sociedades pretensamente civilizadas, da mesma forma como ocorreria com as questões de gênero e sexualidade tratadas a partir de uma perspectiva fundamentada na suposta existência de uma natureza humana inata e universal que condicionaria as pessoas a agir de acordo com as tradições, sobretudo, religiosas (Souza & Rosa, 2022).

A importância do cristianismo e da tradição associados a naturalização da concorrência neste processo que constitui o tecnoconservadorismo se dá justamente porque acreditam que através destas forças amplificadas por meios tecnopolíticos mobilizados pelas plataformas digitais a ordem moral estaria garantida, assim como o seu modelo pretensamente universal de família, de direito, de mercado, de política e de cultura e assim por diante.

A partir da exposição destes diferentes objetos investigados é possível compreender que essa racionalidade atualiza elementos do colonialismo europeu expressos por meio daquilo que Aníbal Quijano (2005) chamou de colonialidade, materializados nas práticas cotidianas destes agentes que naturalizam e difundem o machismo, o racismo, o sexismo, o eurocentrismo e o capitalismo, perpassando, portanto, pela defesa do patriarcado, da heterossexualidade compulsória, da pretensa superioridade ocidental eurocentrada e da racionalidade neoliberal. Assim:

[...] a colonialidade do poder baseada na imposição da idéia de raça como instrumento de dominação foi sempre um fator limitante destes processos de construção do Estado-nação baseados no modelo eurocêntrico, seja em menor medida como no caso estadunidense ou de modo decisivo como na América Latina. O grau atual de limitação depende, como foi demonstrado, da proporção das raças colonizadas dentro da população total e da densidade de suas instituições sociais e culturais. Por tudo isso, a colonialidade do poder estabelecida sobre a idéia de raça deve ser admitida como um fator básico na questão nacional e do Estado-nação. O problema é, contudo, que na América Latina a perspectiva eurocêntrica foi adotada pelos grupos dominantes como própria e levou-os a impor o modelo europeu de formação do Estado-nação para estruturas de poder organizadas em torno de relações coloniais (Quijano, 2005:136).

No entanto, para debatermos sobre tecnopolítica é imprescindível trazeremos à tona três categorias fundamentais: plataformização, colonialismo dos dados e dataficação da vida. A primeira delas, também tratada enquanto sociedade de plataforma foi apresentada inicialmente por José Van Dijck, Thomas Powell e Martijn de Waal (2018), partindo da perspectiva de que no lugar da *internet.com*, teria nascido no início do século XXI a chamada Web 2.0, materializada nas plataformas digitais.

Sendo assim, “a plataformização é definida como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida” (Poell, Nieborg & Dijck, 2020: 02), envolvendo ainda certa reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas digitais, que passaram a modular o comportamento de seus usuários por meio de certa governamentalidade algorítmica (Rouvroy & Berns, 2015; Telles, 2018; Rosa, 2019; Rosa, Amaral & Nemer, 2023).

Nesse caso, tanto Rouvroy e Berns (2015) quanto Telles (2018), Rosa (2019), Rosa, Amaral e Nemer (2023) apresentaram uma leitura atualizada acerca da noção de governamentalidade biopolítica desenvolvida pela analítica foucaultiana para tratar da segunda metade do século XX, destacando aquilo que chamaram de governamentalidade algorítmica, com o objetivo de compreender certa dimensão da produção do sujeito na aurora do século XXI por meio das plataformas digitais.

Segundo os autores, essa governamentalidade algorítmica evidenciaria os dispositivos que permitem compreender as transformações ocorridas neste século não apenas nos modos de subjetivação e modulação que constituem os sujeitos históricos, mas, principalmente, as técnicas de gestão populacional que permanecem garantindo a perpetuação do Estado como instância legítima de controle governamental, a economia neoliberal como principal forma de saber - só que com uma nova face ainda mais financeirizada decorrente do controle dos dados disponibilizados voluntariamente nas plataformas digitais - e a vida da população como dispositivo de segurança.

Assim, torna-se possível compreender a relação estabelecida por Michel Foucault (2010) acerca do que chamou de racionalidade neoliberal e o sujeito que dela decorre a partir da segunda metade do século XX, tratado pelo autor como um *homo oeconomicus* que opera por meio do empreendedorismo de si, produzindo uma vida voltada aos ganhos.

Ademais, ainda é importante mencionar que as plataformas digitais acabaram promovendo certo tipo de racionalidade empresarial que envolve a fabricação de uma vida que busca transformar todas as suas instâncias em negócio. Essa busca pela capitalização de curtidas, visualizações e compartilhamento de conteúdos, acaba sendo convertida em dinheiro porque é por meio delas que essas *Big Techs* acessam os dados dos seus usuários, que são coletados, sistematizados e, posteriormente comercializados, ora para fins comerciais (Zuboff, 2020) ora para fins políticos (Da Empoli, 2019).

Uma segunda categoria imprescindível para compreendemos os efeitos tecnopolíticos das plataformas digitais trata do que se tem sido chamado de colonialismo de dados, perpassando justamente a captura massiva de informações disponibilizadas gratuitamente e voluntariamente por parte daqueles que possuem perfis cadastrados nestas empresas, que oferecem contratos com cláusulas em que seus usuários devam fornecer obrigatoriamente os seus dados a elas, na medida que fazem quaisquer tipos de pesquisa na internet (Silveira, 2021).

Apesar de a expressão colonialismo de dados ser empregada como um modo geral de as *big techs* colonizarem as sociedades com dispositivos de coleta de dados, como uma fase comparável a um processo de apropriação inicial e transitório para a consolidação de uma outra fase do capitalismo, a observação da dinâmica do capital indica que o colonialismo de dados também, e principalmente, deve ser compreendido como um processo de empobrecimento dos países periféricos diante das gigantescas plataformas de dados. Os fluxos dos dados estão ocorrendo em sentido único. Dados como ativos de grande valor econômico e insumos vitais para os sistemas algorítmicos de aprendizado de máquina são gerados por dispositivos criados pelas plataformas que os extraem e concentram em seu poder. Isso gera maior capacidade de análise e, por conseguinte, maior conhecimento codificado nas mãos das plataformas, novos leviatãs. (Silveira, 2021:51).

Uma terceira categoria importante para compreender o alcance das tecnopolíticas da extrema direita e sua relação com a governamentalidade algorítmica diz respeito à noção de dataficação da vida. Segundo Lemos (2021), o termo *datafication* foi cunhado inicialmente por Viktor Mayer-Schoenberger e Kenneth Cukier (2013) para tratar da transformação de ações em dados quantificáveis, possibilitando um amplo rastreamento e análises preditivas. Isso, porque quaisquer ações ocorridas nas plataformas digitais são passíveis não apenas de serem digitalizadas, mas quantificadas em métodos precisos de monitoramento e projeção de cenários em tempo real ou futuro. “Com a dataficação, não se trata apenas da conversão de um objeto analógico em digital, mas da modificação de ações, comportamentos e conhecimentos baseados na performance dos dados elaborada por sistemas de inteligência algorítmica” (Lemos, 2021:194), devendo ser tratada como um conjunto de métodos de coleta, processamento e tratamento de dados que visam a realização de predições.

Um exemplo do uso tecnopolítico das plataformas digitais pode ser identificado não apenas no contexto da vitória eleitoral de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016, como também na saída do Reino Unido da União Européia ocorrida naquele mesmo

momento com o chamado *Brexit*, que inclusive levou o dicionário Oxford apresentar à época como palavra do ano, a chamada pós-verdade (Rosa, 2019).

Assim, é possível compreender que nesse contexto plataformizado as emoções modulam os fatos, na medida em que as pessoas passam a privilegiar aquele viés de confirmação, ou seja, tomando como referência uma auto-verdade. Desse modo, a informação que passa a ter validade é justamente aquela que reitera a visão de mundo do agente que se encontra a sua procura, privilegiando o que gostaria que acontecesse e não o que de fato sucedeu.

Ao apresentar o chamado capitalismo de vigilância, Soshana Zuboff (2020) mostra como foi possível nascer uma nova forma de capitalismo informacional, que visa prever e modificar o comportamento humano, como forma de produzir receita e controle de mercado. Nesse sentido, segundo a autora, a *Google* e em seguida o *Facebook*, seriam consideradas as empresas precursoras nesta forma de extrair valor da coleta massiva de dados com intuito preditivo e performático.

No entanto, foi Nick Srnicek (2018) quem argumentou, em seu livro intitulado *Capitalismo de Plataforma*, que o modelo de negócios operacionalizado por essas empresas, chamadas de plataformas publicitárias, se somariam a outros demais perfis de plataformas, tais como as plataformas de nuvem, a exemplo da Amazon e WebService; as plataformas industriais, como a General Eletric e a Siemens; as plataformas de produtos, como a Rolls Royce e Spotify; e as plataformas austeras, como a Uber e a Airbnb. Portanto, cada uma delas é orientada por um modelo de negócios muito específico, e que busca, é claro, a sua margem de ganhos como qualquer outra empresa.

Essas experiências de modulação comportamental decorrentes do uso de plataformas publicitárias foram diagnosticadas com mais veemência, sobretudo, do ponto de vista político eleitoral, a partir da desinformação que foi produzida pelo Google e Facebook, em relação as eleições presidenciais dos Estados Unidos e diante dos efeitos que resultaram na saída do Reino Unido da União Europeia.

Nesse contexto, o que se observa é a emergência de um processo de desinformação que se agrava cada vez mais, justamente por não existir um sistema de regulamentação destas empresas no que concerne a divulgação de produções orientadas por certo discurso de ódio que se intensifica a partir de certa afinidade eletiva conduzida pelo modelo de negócios das plataformas digitais.

Embora seja possível encontrar diferenças substanciais em suas análises, autores como Giuliano da Empoli (2019) e Byung-Chul Han (2022), dentre outros, compreendem que a política passou por uma transformação deveras significativa com o nascimento das plataformas digitais. Para eles, antes da emergência das plataformas digitais era possível encontrar nos meios de comunicação corporativos como a televisão, rádio e jornal, uma tendência centrípeta, ou seja, quanto mais consensual e diplomático o discurso, quanto maior o tempo de televisão os candidatos tinham, bem como quanto mais ampla uma coligação de partidos, maiores eram as chances de os candidatos serem eleitos. Isso ocorre porque havia certa instrumentalização política que implicava na garantia de uma espécie de coesão.

Com a tecnopolítica, principalmente sob os auspícios da extrema direita, o que temos é um efeito oposto, ou seja, um efeito centrífugo, que quanto mais radicalizado e extremo o discurso, maior será o seu alcance. Isso, porque as plataformas passaram a perceber que quanto mais radicalizado for o discurso, maiores são as possibilidades de despertar atenção dos usuários, tendo em vista que o modelo de negócios destas empresas opera a partir de uma economia da atenção. Neste sentido, os algoritmos irão trabalhar para que o usuário fique cada vez mais aprisionado às plataformas, pois preso a elas é possível extrair este excedente de informações destinado a fins comerciais e preditivos, chamado por Zuboff (2020) de *superavit comportamental*.

Nesta seara tecnoconservadora, principalmente a partir da leitura que Christian Dunker (2019) faz em seu texto *Psicologia das Massas Digitais*, é possível encontrar certo predomínio pela identificação da massa a uma espécie de reação hipnótica de ódio, que age por contaminação. Ou seja, a emoção conduzida tecnopoliticamente é tamanha, que as pessoas se afetam e vão ao encontro do viés de confirmação que tomam para si.

Ao tomarmos como ponto de partida a noção foucaultiana de diagrama apresentada por Deleuze (1988) para tratar da emergência do que estamos chamando de tecnoconservadorismo, foi possível compor um quadro com diferentes dimensões em que ocorrem a subjetivação e que se aglutinam em busca da constituição de um novo regime de verdade. Desse modo, compreendemos o diagrama como a apresentação daquelas relações de força que caracterizam uma formação, ou seja, como o plano em que atuam distintas forças, sempre operadas em relação (Deleuze, 1988).

Este diagrama do conservadorismo tecnopolítico à brasileira (ROSA, 2022) se articula a partir de certo sentimento de pertencimento e comunidade que faz com que aqueles agentes que se identifiquem com este espectro político busquem se informar apenas por meio de fontes que reiterem suas perspectivas, por mais falaciosas que sejam as suas abordagens. Este é composto por:

- i) imprensa alternativa que garante um sentimento de pertencimento a uma comunidade supostamente imune ao contágio ideológico progressista e revolucionário promovido por intelectuais, universitários e jornalistas profissionais etc. (ESPÓSITO, 2017),
- ii) editoras – como a Record e É realizações - e até mesmo
- iii) redes de editoras - a exemplo do CEDET - que contaram com a curadoria de Olavo de Carvalho na seleção, tradução e publicação de livros com o propósito de legitimar os seus discursos. Além disso, há também a presença de
- iv) editoras parceiras, que operam em diferentes cidades do país,
- v) livrarias virtuais organizadas pelo CEDET em sociedade com
- vi) influenciadores digitais como Rodrigo Constantino, Ernesto Lacombe, Ana Caroline Campagnolo, Ítalo Marsili, Guilherme Freire, Antonia Fontenelle, Livraria E.D.A. dentre muitos outros que contam com centenas de milhares ou mesmo milhões de
- vii) seguidores para difundir este tipo de conteúdo. Todavia, existe ainda os
- viii) congressos nacionais e internacionais como CPAC,
- ix) grupos religiosos de tradição cristã,
- x) militares,
- xi) empresários dentre outros segmentos da sociedade brasileira que visam conduzir condutas e verdades a partir de um viés conservador (Rosa, 2022:52-53).

Para os tecnoconservadores, este clima de pertencimento seria tratado como uma espécie de resposta ao suposto processo de desinformação que teria sido conduzido pelas

universidades e meios de comunicação corporativos que foram contaminados pelo marxismo cultural e por seu viés ideológico comunista durante o período da ditadura civil-empresarial-militar, conforme encontramos no pretenso diagnóstico de Olavo de Carvalho (2014).

22 estratégias bolsonaristas utilizadas pelo WhatsApp nas eleições

É notadamente por meio da suposta privacidade garantida pelo uso do Telegram e WhatsApp - diferentemente de outras demais plataformas como o Facebook e Instagram que operam na busca por visibilidade e ampla difusão de seus conteúdos, com foco na atenção de seus usuários -, que os tecnoconservadores sentem-se confortáveis para agir na proliferação de desinformação e discursos de ódio.

Através das emoções intensas promovidas pelas trocas de mensagens, eles acabam experimentando sensações que, ao mesmo tempo em que garantem certo sentimento de pertencimento a uma comunidade que parece acolhê-los diante de um mundo que não cessa de questionar seus valores amparados nas tradições coloniais, como ainda promovem ataques contra minorias que se organizam em movimentos sociais na luta por direitos garantidos constitucionalmente.

Nesse sentido, a análise proposta por Esposito (2017) para tratar da relação entre *immunitas* e *communitas* nos ajuda compreender como que este diagrama composto por diferentes camadas de subjetivação promovidas nas plataformas digitais por sujeitos, grupos e empresas que se reconhecem como conservadoras e/ou bolsonaristas foi se disseminando pelos mais variados veículos comunicacionais como referência para a produção de seus conteúdos que garantem certo sentimento de pertencimento, de identidade, de acolhimento, de proteção e segurança diante da ameaça ideológica capitaneada pelas universidades e nos meios de comunicação corporativos que não cessam em difundi-la (Rosa, 2022:61).

Diante do quadro exposto, achamos pertinente neste momento derradeiro de nossa apresentação, evidenciarmos algumas das estratégias que foram mobilizadas pelos tecnoconservadores em grupos de WhatsApp no contexto nas eleições brasileiras de 2018 e 2022. Isso porque autores como Jairo Nicolau (2020) e Patrícia Campos Mello (2020), dentre outros demais, constataram como o WhatsApp pôde ser utilizado tecnopoliticamente nas eleições desse país, comprometendo o sistema eleitoral e sua democracia representativa.

Portanto, é possível compreender certa afinidade eletiva que envolve a relação entre a ascensão da extrema direita não apenas no Brasil, mas em todo o cenário internacional, e o plano de negócios de boa parte destas plataformas digitais, que buscam capturar ao máximo a atenção de seus usuários com o objetivo de permitir uma maior amplitude na extração de seus dados, passíveis de serem comercializados para a consequente utilização de seus potenciais fins preditivos e performáticos.

Ao participar do Festival Gabo em Medellín, na Colômbia, no ano de 2019, cujo nome decorre de uma homenagem ao escritor Gabriel Garcia Marquez, Patrícia Campos

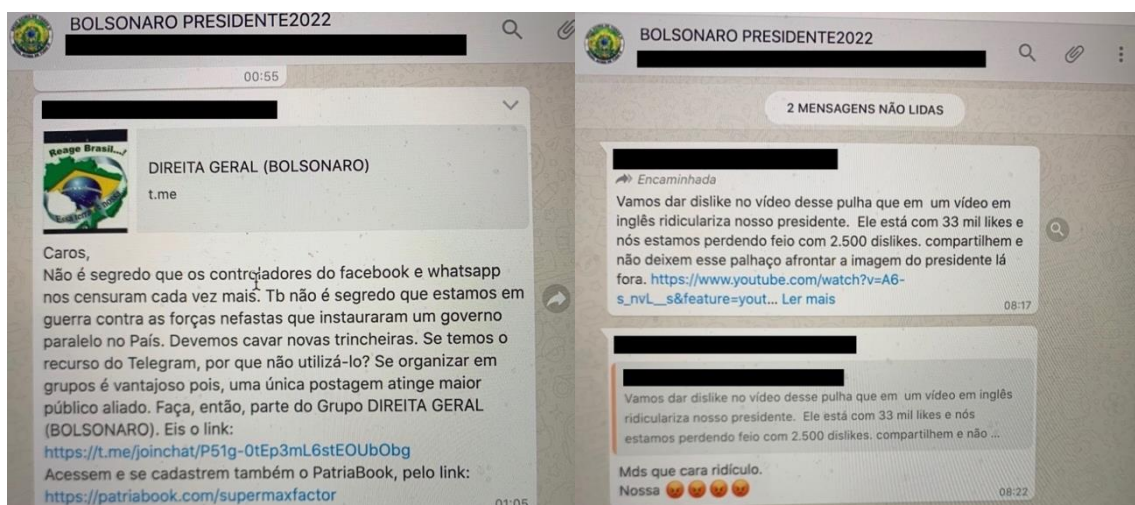
Mello (2020) pôde relatar que Ben Supple, diretor do WhatsApp na América Latina, havia participado de uma mesa naquele evento, na condição de palestrante. Na ocasião, ele afirmou a todos que estavam presentes, que em 2018 a empresa estava bastante preocupada com o sufrágio brasileiro, pois “Sabemos que as eleições podem ser vencidas ou perdidas pelo WhatsApp” (Mello, 2020:55). Segundo Supple, “Sempre soubemos que a eleição brasileira seria um desafio. Era uma eleição muito polarizada e as condições eram ideais para a disseminação de desinformação” (Mello, 2020:55).

O relato público deste diretor evidencia que a empresa já sabia previamente que o WhatsApp poderia alterar os resultados das eleições brasileiras ocorridas em 2018, na medida em que parte da população do país deixava de acompanhar os veículos de comunicação corporativos e passava a se informar apenas pelos dados que circulavam em grupos conservadores e bolsonaristas operacionalizados nesta plataforma, principalmente, por meio da circulação de vídeos disponibilizados em distintos canais do Youtube associados ao espectro político da direita, sem qualquer tipo de regulamentação.

Objetivando evidenciar apenas uma das principais ferramentas utilizadas pela extrema direita no contexto das eleições brasileiras de 2018 e 2022, a saber, o WhatsApp, gostaríamos de apresentar algumas das estratégias por nós identificadas que foram utilizadas por sujeitos, grupos e empresas que se reconhecem como conservadores associados a Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro, na expectativa de constituir um novo regime de verdade.

A primeira delas, chamada de *i) Estratégia da migração de plataformas* (Imagem 3). Esta, ocorreu inicialmente quando o WhatsApp constatou que o compartilhamento de vídeos para todos os contatos da agenda de seu usuário gerava certo agravamento no processo de desinformação. Diante disso, a empresa decidiu reduzir o número de compartilhamento de informações para apenas cinco pessoas, tendo em vista que antes dessa mudança era possível encaminhar uma única informação ou várias delas concomitantemente a qualquer um que estivesse disponível na lista de contato do usuário.

Imagem 2. Estratégia da mobilização para descurtidas

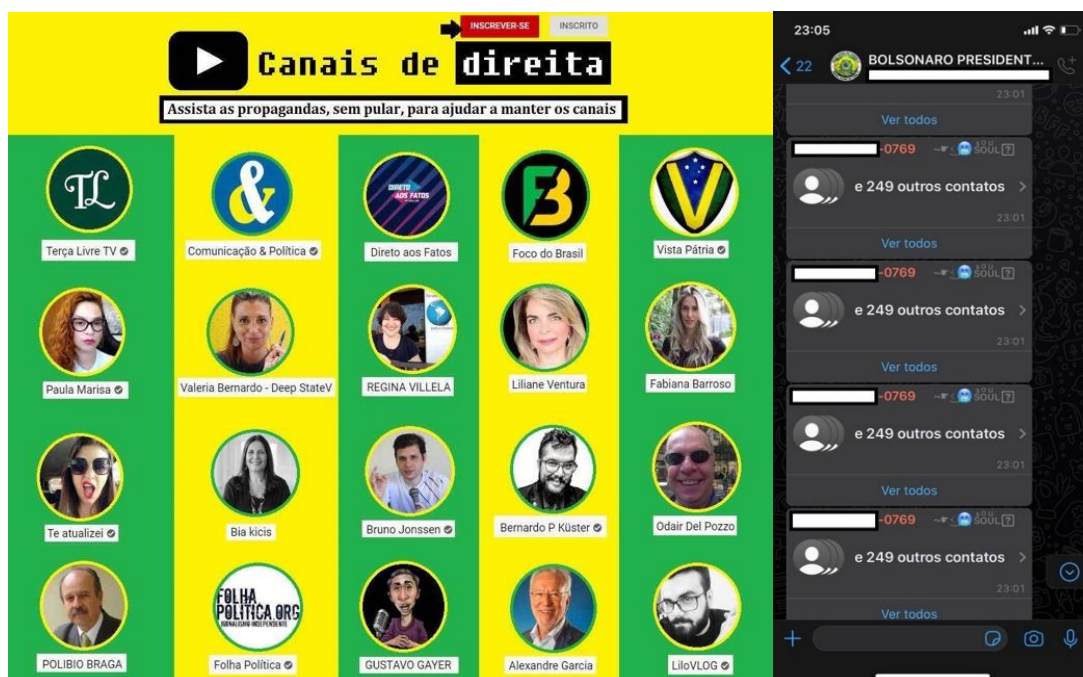


Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Outra tática bastante comum por nós identificada pode ser chamada *ii) Estratégia da mobilização para descurtidas* (Imagem 2). Esta, tem por objetivo fomentar curtidas no perfil daqueles sujeitos, grupos e empresas que se reconhecem como conservadores, procurando ampliar a visibilidade de seu conteúdo, porém incentiva a mobilização de descurtidas para aquelas publicações difundidas por grupos rivais que foram convertidos em inimigos. Nesse caso, partem da premissa de que o número de curtidas presumiria o mesmo que o de eleitores, desconsiderando, portanto, os perfis “bot” e robôs, assim como as fazendas de cliques, criadas para reproduzir este tipo material, potencializando sua difusão.

Há ainda a *iii) Estratégia da disseminação de canais conservadores* (Imagem 3), cujo propósito é divulgar sua visão de mundo, bem como a *iv) Estratégia do compartilhamento de contatos* (Imagem 3). Embora ambas se somem a outras demais táticas utilizadas na difusão de conteúdo conservador, é importante destacar que a estratégia do compartilhamento de contatos nasceu quando o WhatsApp passou a restringir o compartilhamento de dados para apenas de cinco pessoas, ensejando que passassem a compartilhar nos grupos as suas próprias agendas de contatos, pois, assim, os administradores destes grupos poderiam modular as informações, direcionando-as para aqueles contatos que possuem.

Imagem 3. Estratégia da disseminação de canais conservadores

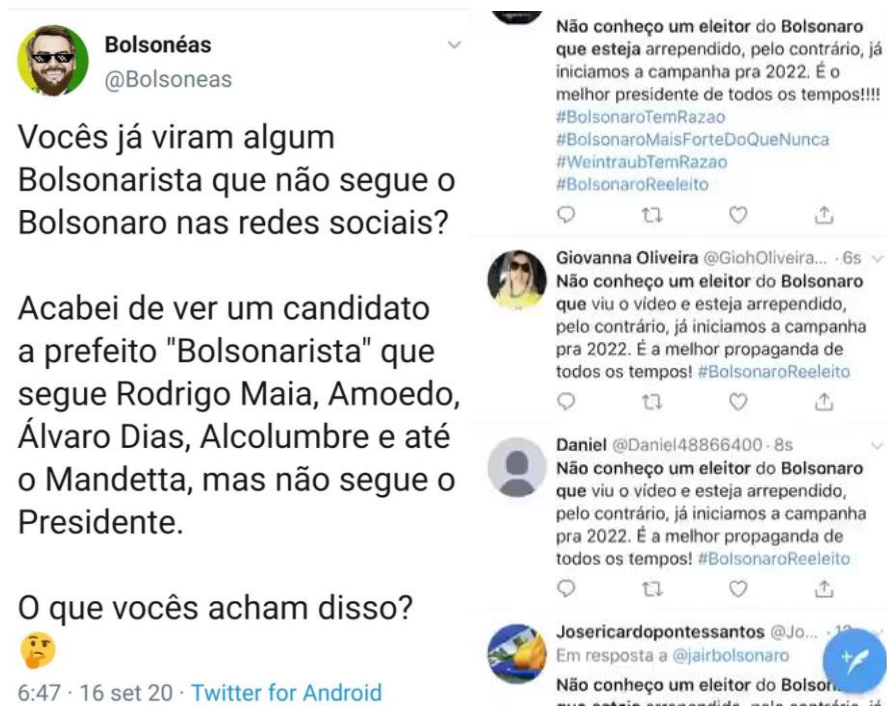


Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Nesta outra imagem, é possível identificar o encaminhamento de convites, sugerindo que os integrantes do grupo conservador e bolsonarista de WhatsApp sigam em todas suas redes sociais os perfis disponibilizados por aqueles políticos conservadores que os usuários já acompanham nas plataformas digitais, contemplando a ideia de converter o número de seguidores em número de eleitores. A *v) Estratégia da conversão de seguidores em eleitores* (Imagem 4) sugere que o número de seguidores de determinado político em suas plataformas digitais corresponderia ao número de seus eleitores reais. Todavia, ainda é

importante destacar que certa dimensão simbólica presente em parte dessas imagens evidencia algumas de suas principais referências políticas, a exemplo do perfil “Bolsonéas” (Imagem 4) e sua relação com o líder do partido PRONA, dentre outras questões que serão analisadas doravante.

Imagem 4. Estratégia da conversão de seguidores em eleitores e estratégia dos bots

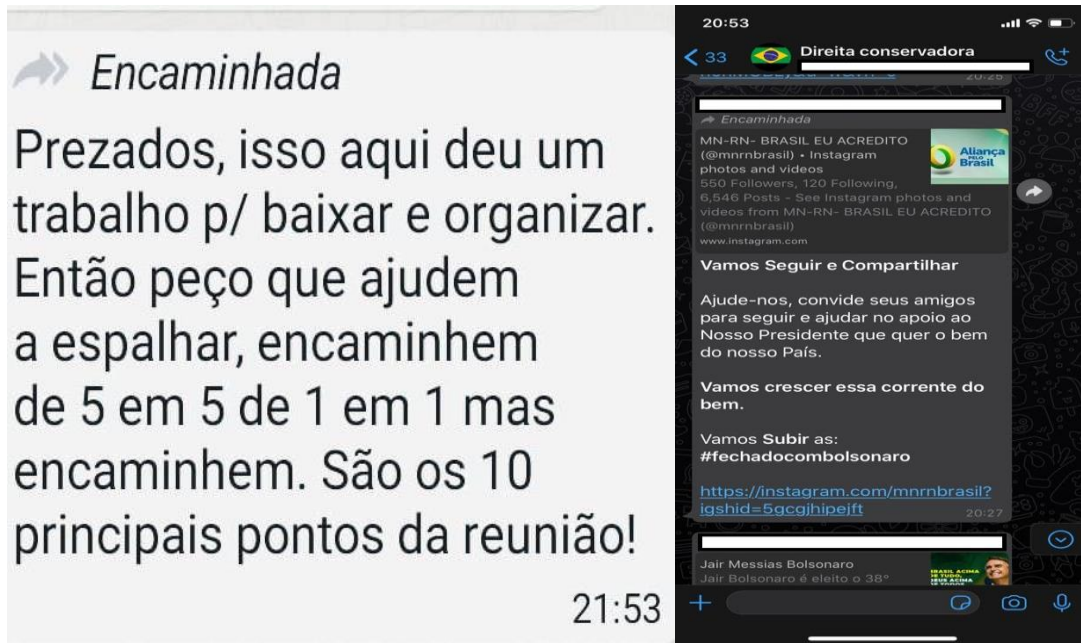


Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Também é comum encontrarmos mecanismos que operam de forma artificial conforme ocorre com a *vi) Estratégia dos bots* (Imagem 4). Um exemplo disso são twittes que mostram como o texto de uma mesma publicação é feita por diferentes sujeitos e/ou robôs (bots) constituídos em perfis falsos, mas que se apresentam como reais, presumindo uma maior capacidade de mobilização.

Nas imagens abaixo, é possível verificar a *vii) Estratégia do convite para difusão de conteúdo* (Imagem 5). A exemplo do que ocorreu com as convocações às ruas, os compartilhamentos evidenciam o propósito de engajamento nas redes sociais, como se observa na propagação da tentativa de criação do partido Aliança Brasil por Jair Bolsonaro, que não vingou (Imagem 5).

Imagem 5. Estratégia do convite para difusão de conteúdo



Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Uma outra tecnologia bastante utilizada por estes grupos se concentra na *viii) Estratégia de associação ao comunismo* (Imagem 6) Esta consiste tanto em transformar o adversário político em inimigo, tratando-o como uma espécie de bode expiatório, como também sugere que eles estariam infiltrados em grupos de WhatsApp, no intuito de provocar polêmicas, conflitos e sua consequente desarticulação. Além disso, também encontramos a *ix) Estratégia da transplataformização* (Imagem 6) utilizada para tratar da migração de conteúdo para outras diferentes plataformas digitais (Rosa, Amaral, Nemer, 2023).

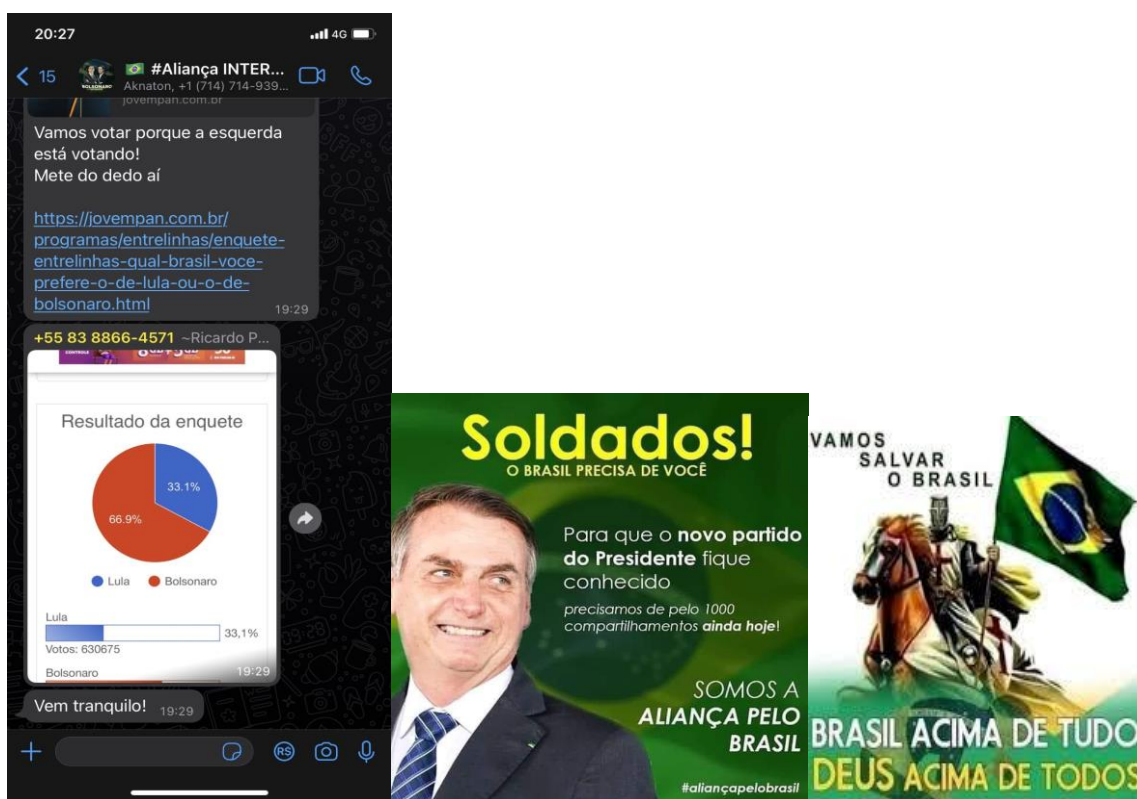
Imagem 6. Estratégia de associação ao comunismo e estratégia da transplataformização



Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Na imagem acima (Imagem 6) ainda é possível constatar que o material compartilhado no whatsapp foi pretensamente criado por representantes das forças armadas brasileiras, no intuito de fomentar a migração dos integrantes daqueles grupos também para Instragram, dentre outras plataformas e, em especial, para o *Telegram*. Quando discutimos a circulação de conteúdos de uma plataforma como o Youtube, que pertence à Alphabet, para plataformas como o Facebook que pertencem a Meta, por exemplo, chamamos de estratégia da transplataformização, tratando-se de um processo de migração de plataformas com o objetivo de garantir um modo de subjetivação tecnoconservador (Rosa, Amaral & Nemer, 2023).

Imagem 7. Estratégia das enquetes em grupos endógenos e estratégia da hipermilitarização do cotidiano



Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

A primeira publicação acima evidencia a *x) Estratégia das enquetes em grupos endógenos* (Imagem 7), que consiste em reconhecer que as enquetes sugeridas nos grupos de whatsapp conservadores e bolsonaristas representariam as demandas de toda a sociedade e não apenas a de seus integrantes.

Para além das táticas apresentadas, que apenas evidenciam alguns dos mecanismos utilizados na condução de condutas por vias tecnopolíticas, existe ainda outros elementos frequentemente utilizados nos materiais publicitários difundidos nas redes sociais, a exemplo da *xi) Estratégia da hipermilitarização do cotidiano* (Bordin, 2022). Isso ocorre porque há certa compreensão, amparada nos escritos de Olavo de Carvalho (2014), de que

nos encontramos em meio a uma guerra cultural (Imagens 7), cujos inimigos seriam os comunistas e globalistas, associados ao Foro de São Paulo e a Nova Ordem Mundial.

Sendo assim, apresentam recorrentemente algumas figuras públicas que representariam as esquerdas, associando-as a algum tipo de instância desqualificadora, conforme encontramos nas imagens abaixo. A primeira argumenta que “*Éramos todos humanos. Aí vieram os comunistas e ofereceram: cotas raciais, benefícios sociais, conflitos religiosos e nos dividiram em classes. Diga não ao comunismo*” (Imagem 8).

Imagem 8. Como a esquerda enxerga o mundo e a estratégia da guerra civil



Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Já a segunda imagem visa destacar “*como que a esquerda enxerga o mundo*” (Imagem 8). Nesse caso, sugerem que para os seus opositores odiados, o pai e a mãe seriam pessoas trans; o cristão seria comunista; o conservador seria um ator de filme pornô; a alma honesta seria a de um presidente supostamente corrupto; o professor seria um homem gay pretensamente comunista que participou do programa Big Brother; o pensador seria um jovem que figura como um dos maiores influenciadores digitais do planeta; a ciência seria capitaneada pelos defensores da vacinação; e o juiz seria um suposto ladrão envolvido com a esquerda.

Tudo isso com o objetivo de produzir certo tipo de violência política amparada não apenas na desqualificação de seus adversários, mas também em sua conversão em inimigos passíveis de serem erradicados. Estes, materializam o alvo do período colonial, ou seja, mulheres, indígenas e negros, porém atualizando sua contrainsurgente perseguição a partir da incorporação nesse hall de violências, das populações LGBTQIA+ (Harcourt, 2021) e demais grupos tidos como desviantes que, ao se associarem supostamente à subversão e ao comunismo, seriam avessos ao trabalho (Imagem 8).

Imagem 9. Estratégia para não votar em partidos de esquerda

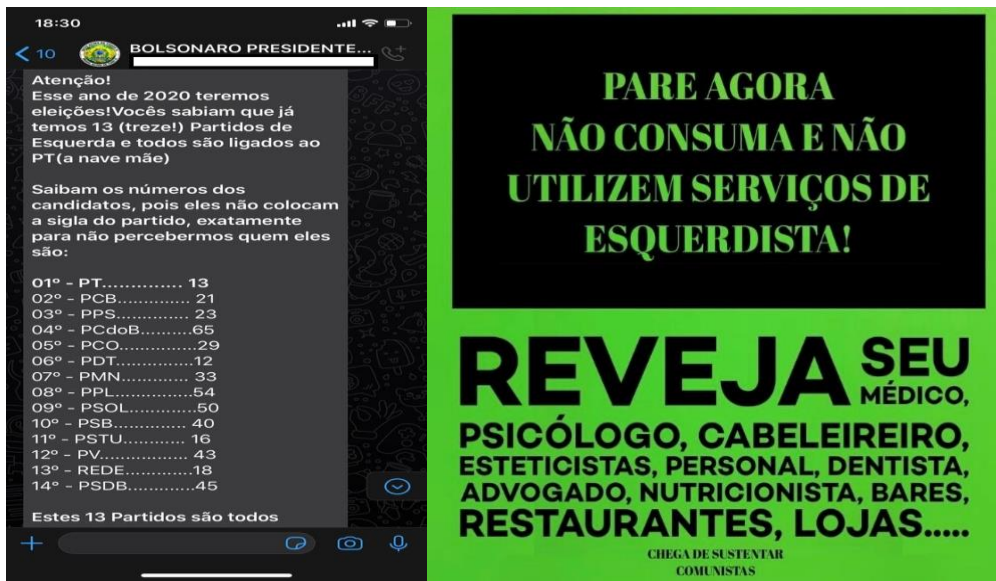


Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Uma outra campanha presente nessas redes sociais é a *xii) Estratégia para não votar em partidos de esquerda*. Isso fica evidente nas imagens que circularam em grupos de whatsapp conservadores que apresentam as siglas dos partidos com os seus respectivos números, com o objetivo de evitar que votem em candidatos vinculados a esse espectro político (Imagem 9).

Também é muito comum encontrarmos nestes grupos de WhatssApp o compartilhamento de imagens que evidenciam o uso da *xiii) Estratégia da criminalização dos partidos de esquerda* (Imagem 10), tidos genericamente como comunistas, tendo em vista que o próprio Olavo de Carvalho é um grande entusiasta dessa ideia. Segundo o escritor conservador brasileiro, para conter a revolução cultural gramsciana capitaneada pelo marxismo cultural construído por professores universitários, jornalistas, artistas e demais intelectuais durante o período da ditadura civil-empresarial-militar brasileira, seria necessário extinguir todos os partidos vinculados ao foro de São Paulo (PT, PSOL, PCdoB, PDT, PSB etc.), por se tratar de uma organização internacional de esquerda. No entanto, para além dessa estratégia ancorada na violência política, soma-se ainda a *xiv) Estratégia do boicote aos prestadores de serviços e empresas esquerdistas* (Imagem 10).

Imagem 10. Estratégia da criminalização dos partidos de esquerda e estratégia do boicote aos prestadores de serviços e empresas esquerdistas



Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

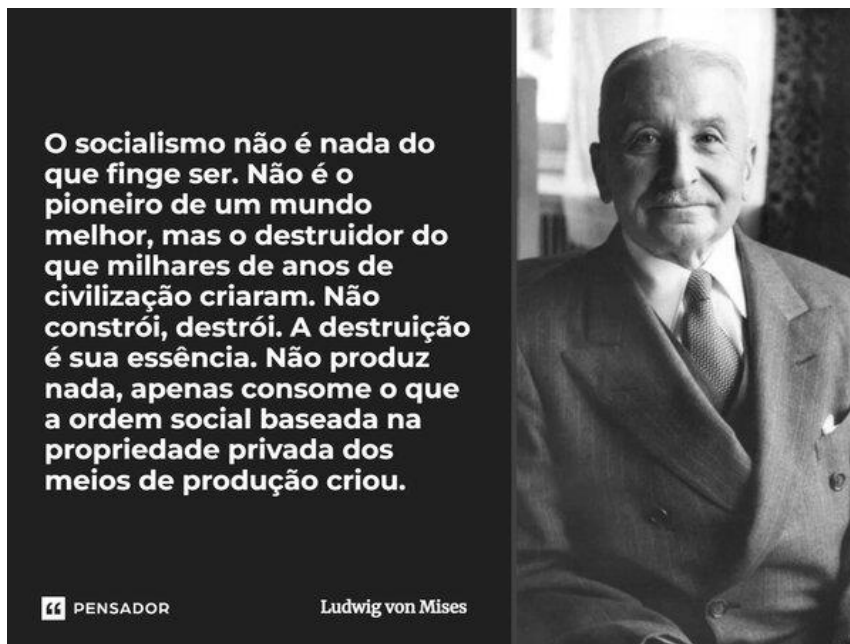
Há ainda uma tese contrarrevolucionária e contrainsurgente associada ao neoliberalismo e sua consequente demanda pela *xv) Estratégia da guerra civil* (Imagem 8) - conforme vislumbramos nos atentados ocorridos nas sedes dos três poderes em Brasília no dia 08 de janeiro de 2023 – pode ser encontrada nos apontamentos de autores como Harcourt (2021), quanto Laval, Dardot, Gueguén, Sauvêtre (2021) dentre muitos outros. Esta, sugere que

Os neoliberais se distinguem dos economistas neoclássicos mais tradicionais quando buscam salvar a civilização ocidental de uma ameaça que pesa sobre ela. Em seus escritos, a ciência se torna um modo de legitimação de posições políticas a favor do livre-mercado e, por esse caminho, uma arma no combate ideológico. Essa ciência é, primeiramente, a que permite apresentar um diagnóstico sobre a crise e suas causas. Certamente o que mobiliza não é o colapso do capitalismo, quer seja anunciado pelos marxistas, quer seja antecipado por Schumpeter, e sim a erosão da economia livre sob os efeitos do domínio socialista sobre as mentes, do monopólio sindical e do reformismo social. Desse ponto de vista, o enunciado de objetivos emitidos pela Sociedade Mont-Pèlerin, em 8 de abril de 1947, é particularmente eloquente: os intelectuais que formam a nova sociedade querem defender os ideais que são “a posse mais preciosa do homem ocidental”: a liberdade intelectual, em primeiro lugar, mas também a propriedade privada, o mercado concorrencial e a “primazia do direito”, conjunto que define a “sociedade livre”. Não é demais enfatizar a continuidade entre esse programa e a denúncia do socialismo feita por Hayek em *O caminho da servidão* (1944), panfleto que não hesitava em fazer do nazismo e do fascismo uma consequência direta da mentalidade socialista (Laval *et al.*, 2021:104-105).

Aliás, uma das formas bastante comuns de atacar os seus adversários políticos, convertidos em inimigos socialistas, é justamente utilizar a *xvi) Estratégia da citação de autores legitimadores de discursos*, que consiste em mobilizar referências bibliográficas tradicionalistas, conservadoras ou neoliberais pretensamente consagradas, que são

tomadas pelos conservadores e bolsonaristas como suas principais influências, com o objetivo de legitimar os seus discursos (Imagem 11).

Imagem 11. Estratégia da citação de autores legitimadores de discursos

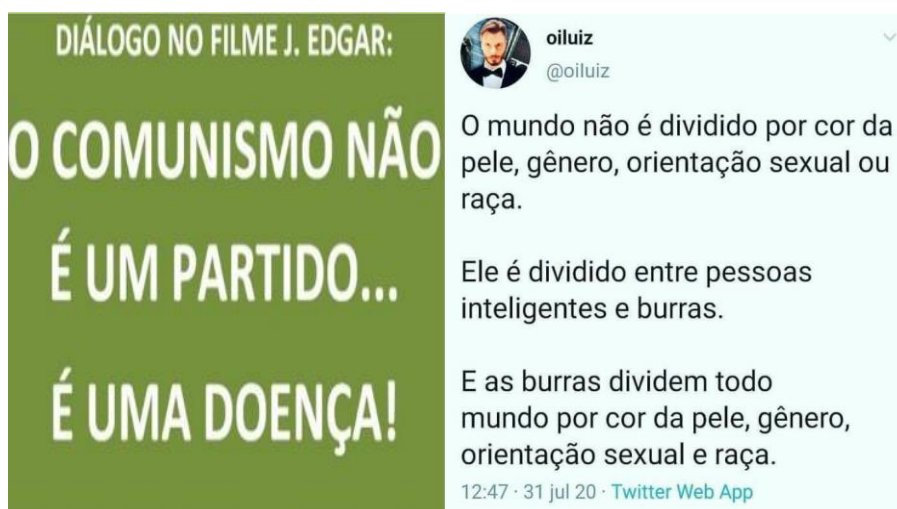


Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Salvo as estratégias apresentadas até aqui, existe uma que vai além da criminalização dos partidos de esquerda, do boicote aos prestadores de serviços e empresas, assim como outros demais mecanismos que operam por meio da violência política, na medida em que há ainda uma técnica que busca relacionar política com patologização (Imagem 12). Nesse caso, estamos tratando da *xvii) Estratégia de patologização do comunismo*, encontrada no livro *A Mente Esquerdista: as causas psicológicas da loucura política*, de Lyle Rossiter (2016), que mesmo associando os adeptos da esquerda a certo tipo de transtorno mental, a obra mencionada encontra-se disponível na biblioteca virtual do senado brasileiro².

² Disponível em <https://www6g.senado.gov.br/institucional/biblioteca/arquivo-sumario-publicacao/A/11031>

Imagem 12. Estratégia de patologização do comunismo e estratégia da divisão para conquista



Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Nessa mesma linha argumentativa, há ainda uma outra técnica utilizada pela extrema direita nas redes sociais que trata da *xix) Estratégia da divisão para conquista*, sustentada por meio da expressão “dividir para conquistar”. Esta, encontra-se amparada na propagação da ideia de que a ascensão da esquerda ensejou uma maior divisão do mundo por meio da luta de classes e seus desdobramentos encontrados nas pautas dos movimentos sociais (Imagem 12).

Sendo assim, o mundo antigo, baseado na ordem e no consenso, teria dado lugar ao conflito que supostamente nasceria com a esquerda, que veio colocar as mulheres contra os homens, homossexuais contra heterossexuais, pretos contra brancos, ou seja, dividindo o mundo com o objetivo de conquistá-lo. Segundo Olavo de Carvalho (2014: 161),

[...] os frankfurtianos encontraram nos EUA a atmosfera de liberdade ideal para a destruição da sociedade que os acolhera. Empenharam-se então em demonstrar que a democracia para a qual fugiram era igualzinha ao fascismo que os pusera em fuga. Denominaram sua filosofia de “teoria crítica” porque se abstinha de propor qualquer remédio para os males do mundo e buscava apenas destruir: destruir a cultura, destruir a confiança entre as pessoas e os grupos, destruir a fé religiosa, destruir a linguagem, destruir a capacidade lógica, espalhar por toda a parte uma atmosfera de suspeita, confusão e ódio. Uma vez atingindo esse objetivo, alegavam que a suspeita, a confusão e o ódio eram a prova da maldade do capitalismo. Da França, a escola recebeu a ajuda inestimável do método “desconstrucionista”, um charlatanismo acadêmico que permite impugnar todos os produtos da inteligência humana como truques maldosos com que os machos brancos oprimem mulheres, negros, gays e tutti quanti, incluindo animais domésticos e plantas. A contribuição local americana foi a invenção da ditadura linguística do “politicamente correto”. Em poucas décadas, o marxismo cultural tornou-se a influência predominante nas universidades, na mídia, no show business e nos meios de comunicação do Ocidente. Seus dogmas macabros, vindo sem o rótulo do “marxismo”, são imbecilmente aceitos como valores culturais supra-ideológicos pelas classes empresariais e eclesiásticas cuja destruição é o seu único e incontornável objetivo. Dificilmente se encontrará hoje um romance, um filme, uma peça de teatro,

um livro didático onde as crenças do marxismo cultural, no mais das vezes não reconhecidas como tais, não estejam presentes com toda a virulência do seu conteúdo calunioso e perverso.

Já outra tática bastante conhecida e utilizada nestes grupos de WhatsApp que se identificam com o conservadorismo e bolsonarismo se fundamenta na crença acerca da existência de uma liberdade de expressão ilimitada que permite a circulação da desinformação. Nesse caso, ao afirmar que “*Fake News* não é crime”, é possível identificar a *xx) Estratégia da liberdade de expressão ilimitada* (Imagem 13), que permite proferir qualquer tipo de discurso com uma pretensa legitimidade por mais violento que seja, sem o risco de ser constringido. Além disso, também é importante destacar que o ataque a mulheres e pessoas LGBTQIA+ é um dos assuntos mais evidentes nestes espaços (Imagem 13).

Imagem 13. Estratégia da liberdade de expressão ilimitada

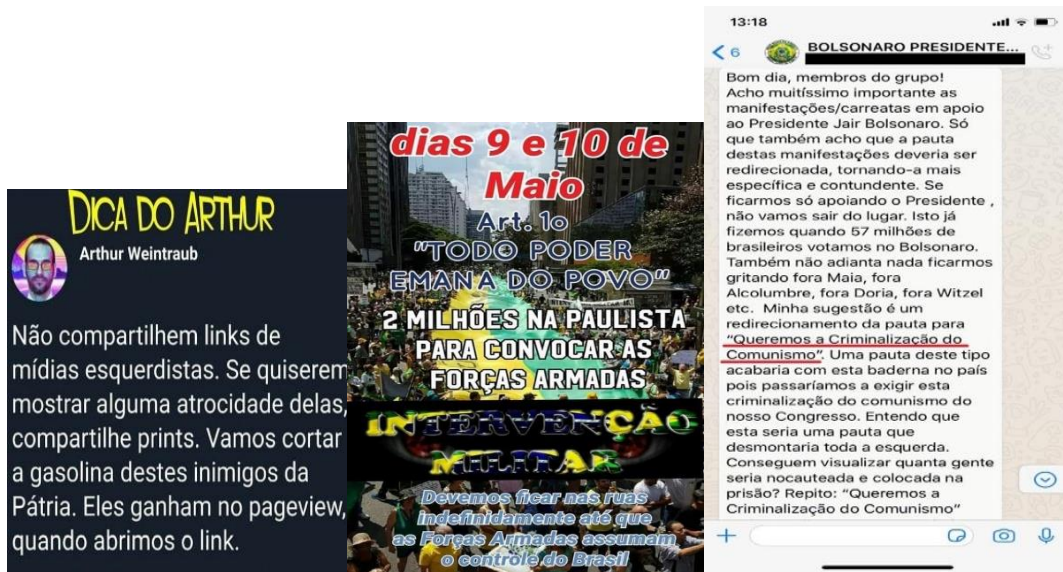


Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Neste sentido, é a partir do debate sobre gênero e sexualidade que os tecnoconservadores constroem certa ideia pretensamente universalista de que o homem sofre mais que a mulher, a exemplo do serviço militar obrigatório apenas para o público masculino, além de argumentar que enquanto homens estariam trabalhando, as mulheres encontrariam-se em casa. Este tipo de discurso bastante comum nestes espaços, busca manter o privilégio exercido pelo homem branco na sociedade brasileira, que desfruta historicamente de privilégios. Nesse sentido, há certa pressuposição de que tudo o que escapa a tradição ocidental cristã seria algo menor e que não contribuiria em nada para o desenvolvimento da civilização.

Ao identificar algumas dessas táticas, também localizamos a *xxi) Estratégia do não compartilhamento de links esquerdistas*, que tem como propósito conter os discursos associados a esquerda nas redes sociais, como também encontramos certo desdobramento da *estratégia da criminalização do comunismo*, a partir da ascensão da *xxii) Estratégia da convocação às ruas em defesa da intervenção militar*, como foi observado em diferentes cidades do país.

Imagem 14. Estratégia do não compartilhamento de links esquerdistas, da convocação da intervenção militar e da criminalização do comunismo



Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Desse modo, a abordagem apresentada por Laval *et al* (2021, p. 104) pressupõe que o neoliberalismo seria uma estratégia que visaria inimigos perfeitamente identificáveis, encontrados no socialismo, no sindicalismo, no Estado-providência, amparado em tudo o que se assemelhe, de perto ou de longe, a dirigismo e coletivismo (Imagem 15). Este, se coadunaria com aquelas táticas mobilizadas pelos tecnoconservadores brasileiros nos grupos de WhatsApp por nós investigados.

Para além de uma racionalidade neoliberal sustentada pelos tecnoconservadores brasileiros, que escapa tanto a condição de ideologia política quanto a sua atribuição enquanto uma teoria econômica, conforme encontramos na analítica foucaultiana que a situa como um modo de conduzir condutas enquanto arte de governar orientada pelo modelo da concorrência em sua forma empresa; Laval *et al* (2021: 74) compreendem que “o neoliberalismo se apresenta como uma ideologia de guerra contra a democracia efetiva, quando os resultados eleitorais ou as mobilizações populares colocam as regras do mercado em risco”.

Daí a importância da articulação entre uma “ordem espontânea”, que em termos hayekianos é tratada como uma ordem econômica neoliberal baseada na defesa do livre mercado e da concorrência, com as ordens jurídicas e morais que garantam a sua perpetuação em nome da civilização Ocidental, conforme esboçaram inicialmente os ordoliberalistas alemães no início do século XXI. Segundo os autores,

Os pioneiros da refundação política do liberalismo – Louis Rougier, Walter Lippmann, Ludwig von Mises, Friedrich von Hayek, Wilhem Röpke – defendem, em seus escritos, que a “mística democrática”, o reino da opinião ou da estupidez da massa representam o verdadeiro perigo para o liberalismo e que, portanto, é importante criar dispositivos institucionais suscetíveis de conter os efeitos perniciosos do dogma da soberania popular. Eles certamente aceitam uma forma limitada de democracia que, se permanecer elitista e respeitosa dos mais altos princípios da livre-escolha individual e da propriedade privada, é, antes, um bem. É o que entendem por “democracia liberal” (Laval et al, 2021:74).

Imagem 15. Coletivismo e individualismo, ao invés de esquerda e direita



Fonte: Grupos de WhatsApp conservadores

Por fim, ao evidenciarmos a perspectiva hayekiana que tenta aproximar fascismo, nazismo, comunismo e socialismo ao que chamou de coletivismo, conduzido pela crítica à intervenção do Estado no mercado com sua economia planificada, os tecnoconservadores inserem nessa chave interpretativa todos aqueles movimentos sociais que reivindicam por direitos, sobretudo, aqueles que estão submercidos aos efeitos da colonialidade (Quijano, 2005), principalmente mulheres, população negra, indígenas e, mais recentemente, o movimento LGBTQIA+. Isso fica evidente na associação do feminismo à leitura de Hayek (2010) acerca do coletivismo (Imagem 15), que despreza a tradição liberal sufragista, por exemplo.

Considerações finais

O artigo apresentado procurou analisar algumas das estratégias utilizadas por grupos conservadores e bolsonaristas que atuaram por meio do WhatsApp nas eleições brasileiras ocorridas em 2018 e 2022. Estes tomaram Olavo de Carvalho como principal referência intelectual e Jair Bolsonaro como o político executor de suas pautas, porém por meio da instrumentalização tecnopolítica destas redes sociais que permitiram com que esse tipo de conteúdo pudesse ser disseminado, culminando com a vitória de Jair Bolsonaro no sufrágio daquele ano. Neste caso, investigamos apenas o WhatsApp, ou seja, somente uma das diversas plataformas digitais que foram mobilizadas antes, durante e depois daquelas eleições.

Em nossa investigação, evidenciamos, em um primeiro momento, algumas das categorias que foram utilizadas na explicação deste fenômeno tecnopolítico que envolve a plataforma, o colonialismo de dados e a dataficação da vida em um diálogo com as abordagens acerca do capitalismo de vigilância e do capitalismo de plataforma, para, posteriormente, apresentarmos 22 estratégias que foram utilizadas pelos tecnoconservadores em seus grupos de WhatsApp no contexto das eleições brasileiras de 2018.


Referências

- Bordin, Marcelo (2022). *A guerra é a regra: a hipermilitarização da segurança pública no Brasil*. Curitiba: PG Editorial.
- Carvalho, Olavo de (2014). *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci*. Campinas: Vide Editorial.
- Casimiro, Flávio H. C. (2016). *A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014)*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Fluminense – UFF, Niterói.
- Da Empoli, Giuliano. (2019). *Os engenheiros do caos*. São Paulo, Vestígio.
- Deleuze, Gilles. (1998). *Foucault*. São Paulo, Brasiliense.
- Dijck, José V.; Poell, Thomas; Waal, Martijn (2018). *The Platform Society: public values in a connective world*. Oxford, Oxford University Press.
- Dunker, Christian. (2019). *Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático*. in *Abranches et al.* Democracia em risco? São Paulo, Companhia das Letras.
- Foucault, Michel. (2010), *Nascimento da biopolítica*. São Paulo, Martins Fontes.
- Gutiérrez-Rubí, Antoni (2020). “Tecnopolítica y los algoritmos”, in Sabariego, Jesús; Amaral, Augusto J.; Salles, Eduardo B. C. (orgs.) *Algoritarismos*. São Paulo, Tirant lo Blanch.
- Han, Byung-Chul. (2022). *Infocracia*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- Harcourt, Bernard. (2021). *A contrarrevolução*. São Paulo, Glac Edições.
- Hayek, Friedrich von (2010). *O caminho da servidão*. São Paulo, Instituto Ludwig von Mises Brasil / Instituto Liberal.
- Hitler, Adolf. (2000). *Minha Luta* (Parte 1). São Paulo, Ed. Centauro.
- Lacerda, Marina B. (2019). *O novo conservadorismo brasileiro*. Porto Alegre, Ed. Zouk.

- Laval, Christian; Dardot, Pierre; Guéguen, Haud; Sauvêtre, Pierre. (2021). *A escolha da guerra civil*. São Paulo, Elefante.
- Lemos, André. (2021). “Dataficação da vida”. *Civitas*, v. 21, n. 2, pp. 193-202. [Consult. 15-06-2022]. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/39638/26950>
- Mayer-Schönberger, Viktor; Cukier, Kenneth (2013). *Big data: a revolution that will transform how we live, work, and think*. Boston, Houghton Mifflin Harcourt.
- Mello, Patrícia Campos. (2020). *Máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Nicolau, Jairo. (2020). *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pessi, Diego; Souza, Leonardo G. (2017). *Bandidolatria e Democídio: ensaios sobre garantismo penal e a criminalidade no Brasil*. São Luiz/MA, Resistência Cultural Editora.
- Poell, Thomas; Nieborg, David; Dijek, José van. (2020). “Plataformização”. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos* v. 22, n. 1, pp. 02-10. [Consult. 15-06-2022]. Disponível em <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>
- Quijano, Aníbal. (2005). “A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais”. *Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO, 2005. [Consult. 15-06-2022]. Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf
- Rocha, João C. de C. (2021). *Guerra cultural e retórica do ódio*. Goiânia, Caminhos.
- Rosa, Pablo O. (2019). *Fascismo Tropical: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras*. Vitória, Milfontes.
- Rosa, Pablo O.; Amaral, Augusto J.; Nemer, David. (2023). “Datapolítica, governamentalidade algorítmica e a virada digital: uma genealogia da modulação comportamental através das plataformas digitais”. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, v. 18, n. 03, pp. 1-30. [Consult. 31-03-2024]. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/85510/63502>
- Rosa, Pablo O.; Souza, Aknaton T.; Zamboni, Jésio. (2022). “Agonística e gênero nas plataformas digitais: dos livros às redes sociais”, in Soares, Marcelo C.; Thiengo, Edmar (orgs.). *Gêneros e sexualidades em veredas dissidentes*. Ponta Grossa, Editora Atena.
- Rossiter, Lyle. (2016). *A mente esquerdista*. Campinas, Vide Editorial.
- Rouvroy, Antoinette; Berns, Thomas. (2015). “Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação”. *Revista Eco Pós*, v. 18, n. 02,, pp. 36-56. [Consult. 15-06-2022]. Disponível em https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2662/2251
- Silveira, Sérgio A. (2021). “A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo”, in Cassino, João F.; Souza, Joyce; Silveira, Sérgio A. (orgs.). *Colonialismo de dados*. São Paulo, Hedra.
- Souza, Rodrigo F. (2021). “National Review, o moderno conservadorismo americano e a luta para “salvar” os EUA do comunismo, do liberalismo e da integração racial (1955-1959)”. *Revista de História da Universidade de São Paulo*, n. 38, pp. 01-31. [Consult. 15-06-2022]. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167096/170150>
- Souza, Aknaton T.; Rosa, Pablo O.; Fraga, Paulo C. P.; Gama, Carlos E. (2023). “Criminologia conservadora nas plataformas digitais: governamentalidade, crime e drogas nas práticas discursivas da extrema direita brasileira”. *Revista Brasileira de Ciências Criminas*, v. 196, ano 31, pp. 271-295. [Consult. 15-06-2022]. Disponível em <https://doi.org/10.5445/rbcrim.vol196i196.151>
- Souza, Aknaton T.; Rosa, Pablo O. (2023). “Gênero e sexualidade na guerra cultural: o conservadorismo no WhatsApp”. *Argumentum*. v. 15, n. 1, p 125-139. [Consult. 15-06-2022]. Disponível em <https://doi.org/10.47456/argumentum.v15i1.38558>



- Souza, Aknaton T.; Rosa, Pablo O. (2022). “Contrafogo à escolástica do direito: Como superar a justiça penal?”, in lemos, clécio; achutti, Daniel (orgs.). *Para além da punição: Justiça Restaurativa e o futuro do Direito Penal*. Belo Horizonte, Letramento / Casa do Direito.
- Srnicek, Nick. (2018). *Capitalismo de plataforma*. Buenos Aires, Caja Negra.
- Telles, Edson. (2018). “Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas”. *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 59, n. 140, pp. 429-448. [Consult. 15-06-2022]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0100-512X2018n14005et>
- Ustra, Carlos A. B. (2018). *A verdade sufocada*. Brasília, SER.
- Zuboff, Shoshana. (2020). *A era do capitalismo de vigilância: luta por futuro humano na nova fronteira de poder*. Rio de Janeiro, Ed. Intrínseca.

Pablo Ornelas Rosa

 <https://orcid.org/0000-0002-9075-3895>
 <http://lattes.cnpq.br/1908091180713668>

Doutor em Ciências Sociais (PUCSP), com Estágio de Pós-Doutorado em Sociologia (UFPR), Saúde Coletiva (UFES) e Psicologia (UFES). Desde 2013 atua como professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia Política e em Segurança Pública da Universidade Vila Velha (UVV) e desde 2016 como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação (UNIVC). E-mail: pablorosa13@gmail.com

Ramiro de Ornelas Rosa

 <https://orcid.org/0009-0003-4754-6756>
 <http://lattes.cnpq.br/2667865263580224>

Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em Sociologia Política (UVV) e Bacharel em Direito (CESUSC). E-mail: mirao81@yahoo.com.br

